



uns

**José
Roberto
Torero**

Biblioteca
Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior
Governador do Estado do Paraná

João Evaristo Debiasi
Secretário da Comunicação Social e da Cultura

Ilana Lerner
Diretora da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital
Omar Godoy

Jurados | Conto
Julie Fank
Marcos Losnak

Preparação editorial
João Lucas Dusi

Revisão
Entrelinhas Editorial

Projeto gráfico e diagramação
Thapcom.com

Ilustrações e capas
Cantalupo

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB/9 - 1617

Fernandes Junior, José Roberto Torero
Uns [livro eletrônico]/ José Roberto Torero Fernandes Junior. -
Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2020.
82 p. - (Biblioteca Paraná)

“Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital – Categoria contos”
ISBN 978-65-89223-07-8 (e-book)
PDF

1. Contos brasileiros. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD (22ª ed.)
869.3

UNS

José Roberto Torero

À guisa de prefácio

Este é um livro sobre goleiros. Mas não só. Sendo os goleiros pertencentes à raça humana, pelo menos a maioria deles, o livro fala também sobre a humanidade, sobre suas derrotas e vitórias, sobre seus amores e ódios.

Este livro é sobre uns. E outros.



DESTINO

O goleiro olha as palmas das mãos e não há nada lá. Nem um traço, nem uma marca. É como se uma neblina houvesse passado por suas palmas e levasse junto a linha da vida, a linha do amor, a linha da cabeça e, claro, a linha do destino.

Mas então ele coloca suas velhas luvas e ali estão elas, as linhas, esculpidas no couro curtido pelos anos. Inclusive, e principalmente, a do destino.



O FILHO DO DITADOR

Nicolae Ceausescu Junior, como diz o nome, era filho do ditador albanês Nicolae Ceausescu.

Para desgosto de seu pai, Junior não gostava de política. Sua paixão era o futebol.

Ele praticava seu esporte favorito na sala magna do Palácio do Parlamento, o maior palácio do mundo, mandado construir por seu progenitor. Junior chutava a bola contra as paredes e fazia suas defesas quando ela voltava. Passou anos e anos nisso e, como quase sempre pegava as bolas chutadas por ele mesmo, considerava-se um grande arqueiro.

Tão grande que desejava ser o goleiro da principal equipe do país.

Ceausescu Junior pediu tantas, mas tantas vezes, que seu pai acabou cedendo e nomeou-o Goleiro Eternamente Titular do Sportklub Tirana (Tirana é o nome da capital do país, não uma autocrítica).

Infelizmente, quando jogava com atletas de verdade, Junior não era tão habilidoso. Na primeira partida em que defendeu a meta do Tirana, o time perdeu de 12 a 1.

Por uma grande coincidência, os quatro atacantes do time adversário que marcaram gols naquela partida morreram durante a semana seguinte. A Securitate (polícia secreta do governo albanês) foi acusada, mas o caso foi arquivado por falta de provas.

Nos jogos seguintes, Junior transformou-se numa muralha. Não tomava nenhum gol. Não porque tivesse aprendido milagrosamente os segredos de jogar sob os três paus. É que os atacantes adversários passaram a errar todos os chutes. As bolas não passavam nem perto das traves. Mesmo que um jogador entrasse livre na área,

acabava chutando por cima do travessão ou na bandeirinha de escanteio. Outros, ao verem-se cara a cara com o goleiro, preferiam tropeçar na própria bola ou chutar mansamente nas mãos de Junior. Houve uma vez em que o atacante do Apolonia Fier empolgou-se e driblou o arqueiro. Já estava em cima da linha do gol quando percebeu o que aconteceria. Sua saída foi botar a mão no coração, simular um enfarte e cair antes de marcar.

Sem perder nenhum jogo depois da estreia, o Sportklub Tirana sagrou-se campeão nacional. E foi assim no campeonato seguinte, no seguinte e no seguinte. Os outros jogadores da equipe, em vez de ficarem felizes com as conquistas, sentiam-se humilhados por vencerem dessa forma.

Foi então que, no dia 22 de dezembro de 1989, o regime de Nicolae Ceausescu caiu.

Três dias depois, o ditador e sua mulher foram executados.

Junior teve medo de ser assassinado por seus colegas de clube e implorou pelo perdão deles, dizendo que jamais tinha matado alguém e que seu único crime era gostar demais de futebol.

Seus companheiros de time se reuniram por um longo tempo e decidiram: Nicolae Ceausescu Junior não só continuaria vivo, como seria mantido como titular do Tirana.

Ele agradeceu de joelhos. Mas não devia.

No primeiro jogo do campeonato seguinte, o Tirana perdeu de 16 a 3. E os placares só foram aumentando. A última partida do campeonato acabou em 45 a 2.

As arquibancadas do Tirana lotaram em todas as

partidas, e os torcedores vibraram loucamente a cada tento sofrido levado pelo time.

Junior tomou gol de todos os jeitos. De cabeça, por baixo das pernas, olímpico, de bicicleta, lençóis milimétricos, bolas colocadas mansamente no canto e bicudas possantes.

E, cada vez que sua meta era vazada, uma lágrima rolava por sua face.

O Tirana, obviamente, terminou em último lugar. Mas desta vez seus jogadores comemoraram sua colocação e deram a volta olímpica depois do jogo derradeiro.

O país inteiro estava ansioso pelo próximo campeonato. Mas, antes que ele começasse, Junior enforcou-se numa das traves do Sportklub Tirana.



O BELÍSSIMO

Pål Gamundsen não era belo. Era belíssimo.

Só isso explicava a imensa torcida feminina do Idrettsforeningen Trauma, da pequena cidade de Tromøy, na Noruega.

A cada jogo, centenas de senhoritas, e até algumas senhoras, iam vê-lo jogar. Não importava que ele fosse um arqueiro medíocre. Elas queriam era ver suas pernas fortes, seu rosto perfeito, seus longos cabelos loiros.

Todas as torcedoras do Trauma eram fãs de Pål, com exceção de Gøril Onarheim. Ela o odiava. E, a cada falha do goleiro, ela o odiava ainda mais.

O curioso é que o problema de Pål era justamente sua beleza. Para não estragar o rosto, ele evitava divididas, não caía nos pés dos atacantes e evitava até saltos muito acrobáticos, com medo de cair com seu perfeito nariz no chão.

Então, numa confraternização de natal entre torcedores e jogadores, Gøril foi até Pål e disse que ele era um lixo, um perdedor, um covarde, um reles bonito que não merecia defender as cores azul e branca do Trauma.

Depois de palavras tão duras e rudes, obviamente Pål se apaixonou por Gøril.

Mas ela mantinha sua posição firme e decidida. Para ela, Pål era o que havia de pior no futebol e no mundo. Um tipo de jogador, e de homem, que não merecia seu amor.

O desprezo de Gøril foi decisivo para que Pål mudasse seu modo de jogar.

A partir daí ele passou a jogar-se nos pés dos atacantes, a fazer pontes, a atirar-se sem medo em toda e qualquer bola.

Num desses jogos ele enfrentou Tor-Ole Olsen, que tinha um chute tão potente que era chamado de “O Martelo de Thor”.

Pois nem o martelo de Thor intimidou Pål. Tanto que, quando o atacante do Viking Fotballklubb ficou cara a cara com ele, o arqueiro nem desviou o rosto. Atirou-se na frente do atacante com coragem e destemor, com o que a bola chutada por Tor-Ole chocou-se contra a bela face de Pål.

O nariz apolíneo do goleiro, que provocava suspiros e inspirava sonhos, achatou-se totalmente. Ossos se quebraram e cartilagens se esfacelaram. Pål ficou parecido com um porco.

As fãs de sua beleza desapareceram como fumaça ao vento.

Mas o que importa é que um ano depois Gøril deu à luz os gêmeos Hel e Sigurd Gamundsen.



OS LOUCOS

Os ingleses dizem que inventaram o futebol na primeira metade do século XIX. Mas os franceses, sempre eles, contestam tal afirmação. Recentes estudos realizados por historiadores da Sorbonne revelam que o futebol já era praticado em 1794, no manicômio de Bicêtre, situado num subúrbio ao sul de Paris.

O mais notável é que seu criador teria sido ninguém mais, ninguém menos, que o grande médico Philippe Pinel, superintendente do hospício à época.

Pinel é conhecido como o primeiro psiquiatra a utilizar métodos humanizados no tratamento dos doentes. Ele assumiu a direção do Bicêtre em 25 de agosto de 1793 e logo propôs tirar as algemas dos alienados. Nos meses seguintes, ele suprimiu as sangrias e alguns outros tratamentos violentos. Finalmente, em março de 1794, criaria um jogo para dar condicionamento físico e socializar os pacientes.

Esse jogo seria chamado de “fouballon”, que em francês significa algo como “bola louca”. Naqueles dias havia vinte e dois internos no Bicêtre, e Pinel os dividiu em dois times. Como vários pacientes tinham tremores nas mãos, a solução foi criar um esporte em que se usassem principalmente os pés.

O pátio interno do hospital foi transformado num campo, com um gol em cada lado. Logo Pinel percebeu que a meta era muito vulnerável, e permitiu que um interno de cada lado pudesse usar as mãos para defendê-la.

O novo esporte ajudou o médico francês a formular sua famosa definição dos quatro graus de loucura.

Em seu diário pessoal, no dia 21 de julho de 1794, Philippe Pinel escreveu:

É curioso ver que determinados doentes preferem determinadas posições.

Os melancólicos preferem o meio de campo. Os que sofrem de manias sempre querem ser atacantes.

Os dementes gostam de ser zagueiros.

Já os que sofrem de idiotia só aceitam ser goleiros. E eles querem essa posição por três motivos:

Porque têm pouca coordenação motora nos pés e ali podem usar as mãos; porque ganham destaque como goleiros, já que usam roupas diferentes; e, principalmente, porque podem se atirar no chão.

Via de regra, os pacientes que escolhem jogar no gol não têm a menor chance de cura.

E quase sempre pensam que são Napoleão.



PELOS

Pélico era careca. Totalmente careca. Não tinha um pelo no corpo. Talvez por isso fosse desprezado pelas filhas de Eva. Ou talvez por ser um fracassado, um goleiro medíocre, desses que largam as bolas mais fáceis, que dão rebote mesmo nos chutes fracos.

Porém, certo dia, começaram a surgir pelos no solitário Pélico. Mas não na cabeça. Nas mãos.

Os maldosos da cidade logo insinuaram que tal fato se devia ao excesso de prazer solitário praticado por Pélico.

Indiferente aos comentários, continuaram crescendo-lhe mais e mais pelos crespos nas palmas e nos dedos, até que um dia, num jogo contra o Shipka Sofia, chegou a tal ponto que Pélico não teve alternativa a não ser jogar sem luvas.

Os adversários riram de seu estado.

Mas da humilhação veio a glória.

Naquele jogo, a bola grudou nas mãos de Pélico como se elas fossem ímãs. Até o petardo mais poderoso morria mansamente entre seus dedos. Ele não deu um rebote sequer.

O sucesso se repetiu nas partidas seguintes, com o que Pélico tornou-se um goleiro fantástico, daqueles que fazem os artilheiros inimigos arrancarem os cabelos de raiva.

Sua fama se espalhou por toda a região do Vale das Rosas. E, com o sucesso, não demorou para que fosse assediado por várias senhoritas, alcunhadas perversamente de marias-luvas.

Elas queriam sentir o toque aveludado de Pélico, queriam ser apertadas por suas peludas mãos, queriam

fazer tranças nos cabelos de seus dedos. E, é claro, queriam um pouco do sucesso do arqueiro.

Mas da glória veio a perdição.

Com tantas damas a lhe oferecer seus favores, os pelos da mão de Pélico foram sumindo. Caíam tufo a cada banho, e ele viu suas defesas perfeitas escorrerem pelo ralo.

Com o retorno à mediocridade, as fãs desapareceram.

Deu-se, então, um moto-contínuo: por não ter mulheres, cresciam-lhe pelos nas mãos, com isso tornava-se um grande goleiro, o que lhe trazia mulheres, o que acabava com seus pelos manuais, então voltava a ser um goleiro medíocre, assim desapareciam as beldades, e voltavam a crescer-lhe os pelos.

Pélico poderia abdicar das senhoritas em nome de uma grande carreira. Mas perguntava-se: “De que servem as glórias e as vitórias se não trouxerem Glórias e Vitórias?”.

Ele achou que era melhor aceitar sua constante inconstância. E, até o último de seus dias como jogador, viveu nessa gangorra entre pelos e não pelos, grandes defesas e fases medíocres, mulheres e solidão.

Aliás, pensando bem, vários goleiros são assim. O que talvez sugira que esse fenômeno manocapilar seja mais comum do que se pensa.



O CONDENADO

Nereu é o melhor goleiro entre os presidiários da Penitenciária de Nossa Senhora da Glória, em Sergipe.

Ele é disputado por várias equipes, por isso cobra um alto salário, pago em cigarros, e exige jamais ter que limpar a cela.

Nem sempre Nereu teve essa vida de luxo.

Quando era jovem, tentou sem sucesso entrar em alguns dos times do estado. Mas foi rejeitado pelo Boca Junior, de Estância, e não passou do primeiro teste no River, de Teresina.

Sem conseguir trabalhar como goleiro, arranjou outra função para suas mãos e começou a fazer pequenos furtos. Dos pequenos foi aos grandes, dos furtos passou ao assalto e do assalto passou à cadeia.

Lá, com mais tempo para treinar e concentração constante, acabou se tornando um excelente arqueiro.

Hoje é respeitado como o craque do presídio. E não quer sair de lá por nada.

Porém, para seu azar, está para ganhar liberdade condicional. Na próxima quarta-feira ele deve cruzar o portão e voltar para a rua.

Mas não é o que ele quer.

Por isso, Nereu já decidiu: terça à noite vai matar seu companheiro de cela.



OS ETERNOS RESERVAS

Rovílson (com ene) e Rovilsom (com eme) eram irmãos gêmeos e goleiros do Nova Iorque Esporte Clube, de Nova Iorque, no Maranhão.

Ambos eram reservas, e ambos odiavam Uylso (com u e ípsilon, sem eme ou ene), o goleiro titular.

Uylso jamais se contundia, nunca ficava doente e era o capitão do time. Tinha quase quarenta anos, mas não bebia, não fumava e não frequentava a boate Bakana's Drinks, capital do pecado em Nova Iorque. Era o primeiro a chegar aos treinos e o último a sair.

Os Rovílsons detestavam tamanha regularidade. Tinham chegado jovens ao clube e agora, com quase trinta anos, ainda não tinham feito uma partida sequer.

Então, um dia, quando estavam no beliche (os dois jamais se casaram e dividiam tudo, que no caso era um quarto na pensão e um velho fusca 77), os gêmeos bo-laram um plano. Eles colocariam um poderoso purgante na comida de Uylso e assim um deles jogaria a final da Copa do Médio Sertão Maranhense, que aconteceria naquele domingo, contra o poderoso São Francisco, de São Francisco, no Maranhão.

Dito e feito. No almoço, os gêmeos colocaram um preparado na comida de Uylso, que, duas horas depois, se contorcia de dor, dizendo que não poderia participar da decisão.

O técnico Maikel (com k) ficou decepcionado. E da decepção foi ao desespero quando soube que seus dois goleiros reservas suavam frio e gemiam de dor no banheiro do vestiário.

Como era de esperar, Rovílson, com ene, colocou purgante na comida de Rovilsom, com eme. E Rovilsom, com eme, fez o mesmo no prato de Rovílson, com ene.

Quem acabou jogando no gol foi o zagueiro Geimes, com gê, culpado em quatro dos cinco gols que o Nova Iorque levou naquela derrota para o São Francisco.

Quanto a Rovílson e Rovilsom, eles nunca mais se falaram, apesar de continuarem dividindo o beliche, o fusquinha e o banco de reservas.



VOLTA POR CIMA

Na pequena cidade de Świnoujście, na Polônia, havia uma prostituta. Ela era a única da pequena cidade. Seu nome era Halinka. Havia também um time, o Flota Świnoujście.

Obviamente, os jogadores do Flota eram os principais clientes de Halinka. Nas vésperas dos grandes jogos, o time se recolhia no pequeno hotel da cidade e Halinka era chamada para levantar o moral da equipe.

Ela atendia aos desejos de todos, sem a menor discriminação. Deitava-se com Grzegorz, o zagueiro sem dentes; com Zmuda, o volante que era casado com uma ovelha; com Dariusz, meia de inegável elegância, mas que cuspiu e escarrava em Halinka durante o sexo; com Pol, o miúdo ponta-direita que era rápido em campo e rapidíssimo na cama; com Błaszczkowski, centroavante gigantesco que tinha um pênis diminuto; com Zbigniew, o lateral direito que pedia para ser sodomizado com vegetais, e até com Jerzy, o roupeiro anão.

Halinka só não aceitava acostar-se com Tomasz, o goleiro. Por mais que ele insistisse, por mais que ele promettesse pagar o dobro dos outros jogadores, por mais que ele jurasse ser cuidadoso no toque e respeitoso nas palavras, Halinka nunca acolhia seu pedido.

Um dia, cansado de tantos não, ele pediu, por deus e pelo demônio, que ela explicasse por que não se deitava com ele.

Halinka explicou que os outros jogadores eram animais que corriam pelo pasto, mas que ele, um goleiro, era como se fosse um rei em campo, como se fosse um general que assistisse a seus soldados lutarem, como se fosse um anjo pairando sobre o resto do time. Assim, sendo

ele tão superior, não merecia o corpo de uma meretriz, e apenas uma esposa seria merecedora de ter alguém de tão alta importância entre seus braços e suas pernas.

Não se sabe se Halinka era muito inteligente ou realmente pura, nem se Tomasz era um poeta ou um tolo. O fato é que ele a pediu em casamento naquele mesmo instante e os dois foram muito felizes.



LUVAS

Poucos sabem, mas o primeiro goleiro a usar luvas foi um brasileiro. Seu nome, quase um trocadilho, era Luvanor Paredes.

Em 1905 ele era goleiro da Associação Atlética Mackenzie. E um excelente violonista. Luvanor ganhava a vida tocando em bordéis, excursionando com bandas pelo interior e acompanhando cantores em gravações para a Casa Edison. Também compunha, e bem, sendo conhecido por seus choros, maxixes e lundus.

Num jogo contra o Germânia, Luvanor quebrou dois dedos da mão direita ao defender um chute de Hermann Friese (Germânia 3 x 2 Mackenzie, em 15 de agosto de 1905). Por conta disso, ficou sem poder tocar seu instrumento, acumulando algumas dívidas.

Quando pôde voltar ao futebol, um ano depois, exatamente contra o mesmo Germânia (Germânia 5 x 3 Mackenzie, em 14 de julho de 1906), Luvanor entrou em campo com luvas de boxe.

Pensava-se que ele usaria o acessório para evitar novos ferimentos em seus dedos, que, afinal, eram seu ganha-pão. Mas Luvanor tinha outros planos. Quando o juiz apitou o fim do jogo, ele partiu para cima de Hermann Friese e pôs-se a socar o atacante implacavelmente.

O Mackenzie expulsou Luvanor de seu quadro esportivo.

As luvas, porém, pareceram uma boa ideia aos outros goleiros, e eles começaram a imitar Luvanor. Primeiro, usaram as de boxe, mas rapidamente passaram para as luvas de frio, feitas de pelica ou couro, que, por terem lugar para os dedos, facilitavam o encaixe da bola.

Quanto a Luvanor Paredes, continuou sua carreira

de violonista e compositor, criando músicas como “Eu te amo, minha redonda”, “Quero te agarrar com minhas duas mãos”, “Farei uma ponte para ir te buscar” e o célebre chorinho “Deixei você escapar entre meus dedos”.

Inicialmente se pensava que essas composições eram sobre suas muitas relações amorosas, mas recentes pesquisas historiográficas apontam para a possibilidade de Luvanor Paredes ter criado essas músicas inspirado em seus tempos de arqueiro.



O FILHO DO GOLEIRO

— Pai, quando eu crescer quero ser goleiro que nem você.

— Não, meu filho, você tem que ser alguma coisa na vida. Engenheiro, médico, advogado... Ou, pelo menos, centroavante.



O SORTUDO AZARADO

Pacífico Guerra foi um homem de paradoxos. No nome e na vida.

Queria ser centroavante. Mas nasceu goleiro.

Ele não acertava um chute, era tosco no cabeceio, incapaz de dar um drible. Mas fazia pontes suspensas e levadiças, saía da área como um argentino, se colocava como um alemão e atirava-se às pernas dos atacantes como um goleiro de várzea.

Nos anos cinquenta, quando começavam a nascer seus primeiros fios de bigode sob o nariz, Pacífico fez teste para entrar nos juvenis do Independente Esporte Clube, de Perdões, Minas Gerais. Obviamente tentou a vaga de centroavante. E, obviamente, não passou.

No ano seguinte tentou de novo, mas na posição de goleiro. Não só passou, como três meses depois já era o titular do time adulto.

Pacífico fez sucesso. Vazar sua meta era quase impossível, o que o fazia odiado e endeusado nas cidades de Santo Antonio do Amparo, Santana da Vargem, Santana do Jacaré e Nazareno.

Pacífico deveria estar feliz. Mas travava uma guerra consigo mesmo. A cada gol que sofria, sentia inveja do centroavante adversário.

Quando completou trinta e três anos, disse que aquela seria sua última Copa Pão de Queijo e pediu para trocar a camisa 1 pela 9.

Em respeito aos serviços prestados por Pacífico, o presidente e técnico do clube aceitou.

Durante o torneio, Pacífico perdeu todas as chances que teve. Mas, por conta dos outros jogadores, o Independente chegou à final contra o Olímpique, de Coqueiral.

No jogo decisivo, o zero a zero não saiu do placar. Em parte, por culpa de Pacífico, que perdeu três gols na pequena área.

Na disputa de pênaltis, depois de quatro cobranças do Independente e três do Olímpique, ninguém tinha errado.

Então o centroavante do time de Coqueiral foi para a bola, bateu e mandou para fora. Mas o juiz mandou voltar o pênalti, alegando que o goleiro se mexera. O eterno reserva de Pacífico partiu para cima do árbitro e deu-lhe uma bofetada de estalar, daquelas que deixam o ofendido com a face vermelha, roxo de vergonha e a alma verde de ódio.

O goleiro não só foi expulso como tiveram que tirar as mãos do juiz de sua garganta.

Sem poder fazer substituições, o presidente-técnico do Independente pediu que Pacífico fosse para o gol. A princípio, ele não quis. Mas foram tantos os rogos do presidente, tantos os pedidos da equipe, tantos os gritos da torcida, que ele aceitou. Só exigiu que cobrasse a derradeira penalidade.

Pacífico foi para debaixo das traves. E defendeu. Quatro a três. Bastava que ele colocasse a bola nas redes para que seu time fosse campeão.

Infelizmente, daí em diante não se tem certeza sobre os fatos.

Uns dizem que ele bateu com perfeição no ângulo direito, fazendo o primeiro e o último gol de sua vida.

Outros falam que ele errou. Mas depois defendeu a última cobrança do Olímpique. E, enquanto era carregado nos ombros da torcida, olhava para o céu e perguntava por que Deus tinha lhe dado o talento para fazer uma coisa e o amor por fazer o contrário.



O INSUBORDINADO

Quando Ludovico ouviu a proposta de suborno, ficou em dúvida. Ele gostava de seu clube, mas estava para casar e um dinheiro extra seria muito bem-vindo. Ainda mais que sua futura esposa estava grávida de cinco meses.

Ele pensou, pensou, pensou e aceitou.

Porém, na noite anterior ao jogo, enquanto jantava com seus companheiros, um remorso começou a tomar conta de Ludovico.

Como ele poderia sabotar amigos tão bons? Como poderia trair o clube em que estava desde que não tinha pelos no rosto? Como poderia trocar um campeonato por dinheiro?

Ele não conseguia dormir. Revirava-se de um lado para o outro sem pegar no sono. Quando finalmente fechou os olhos, sonhou que o outro time chutava uma bola feita de notas de dinheiro e ela sempre ia parar dentro de seu gol.

Ludovico acordou suado, sentindo-se o último dos homens.

Foi até a cozinha da concentração e encontrou alguns jogadores. O capitão do time lhe perguntou:

— Não consegue dormir, goleiro?

— Não.

— Não esquento. Vai dar tudo certo.

— Será?

— Claro. Segunda-feira vamos estar com o bolso cheio de dinheiro.

Ludovico pensou: “Não, não estarão. Eu vou entregar o campeonato e ninguém vai ganhar um tostão de bicho”. Mas falou:

— Sim, claro, com o bolso cheio de dinheiro...

Durante o resto da noite, ele mais pensou que dormiu. E chegou à conclusão de que não deveria entregar o jogo. Sua obrigação era dar o melhor de si, jogar como nunca, ganhar o campeonato. Seu clube e seus companheiros não mereciam tamanha traição.

Quando a partida começou, Ludovico mostrou que estava num grande dia. Voava atrás da bola como se fosse uma águia e atirava-se aos pés dos atacantes como se fosse um tigre. Era um daqueles jogos em que os goleiros estão perfeitos, adivinhando as intenções dos atacantes, decifrando os efeitos da bola, prevendo os morrinhos artilheiros.

Seu primeiro tempo foi tão perfeito que a torcida gritou seu nome e ele teve que dar entrevista à rádio local.

Na etapa final, tudo continuou na mesma. Ludovico estava mais ágil que sua própria sombra. Por outro lado, o ataque perdia gols e o meio-campo não conseguia segurar a bola, o que tornava sua jornada ainda mais heroica.

O zero a zero permanecia no placar, o que daria o título ao adversário. Então, no último minuto, num escanteio, Ludovico vai para a área inimiga e, coroando seu domingo perfeito, marca o gol de cabeça.

O juiz nem deu a saída de bola. Acabou o jogo ali mesmo.

Ludovico correu para as arquibancadas. Pulou o alambrado e foi abraçado pela multidão. Depois, molhado de suor e lágrimas, levantou a taça, deu uma volta olímpica e foi o último a entrar no vestiário.

Então, levou uma tremenda surra do resto do time.



O MONSTRO

Na década de trinta, o goleiro do Münster, time da quarta divisão alemã, atendia pelo nome de Wolfgang.

Com barba espessa, cabelos negros e cheios, Wolfgang era um goleiro mediano, quase medíocre. Mas, curiosamente, tornava-se inexpugnável nas noites de lua cheia.

Seus companheiros da época contam que durante uma semana por mês tinham certeza de que jamais perderiam. Nesses sete dias, Wolfgang parecia ainda mais barbudo, mais cabeludo, e suas unhas cresciam tanto que ele tinha que usar luvas maiores.

Wolfgang geralmente não jogava nas semanas de lua nova, minguante e crescente. Como em seu tempo ainda não havia substituição, ele assistia aos jogos de seu time das arquibancadas, geralmente roendo o osso de uma coxa de frango, sua comida favorita.

Porém, nas noites de plenilúnio, ele era o titular absoluto. E seu time nunca perdia. Às vezes, é claro, empatava em zero a zero. Mas seu gol jamais era vazado.

Ele saltava com precisão, atirava-se aos pés dos atacantes com ferocidade e gritava com seus defensores todo o tempo, como um cão que guarda uma casa.

Para sorte do Münster, a final do campeonato de 1935 seria justamente numa noite de lua cheia. E bastava um empate para que a equipe se sagrasse campeã.

Quando a partida começou, Wolfgang não decepçionou.

O Babelberg atacava implacavelmente, mas o arqueiro do Münster era perfeito. Ele corria de um lado para o outro, dava saltos surpreendentes e estava sempre alerta.

Já o ataque do Münster era totalmente dominado pelo time adversário, e assim o placar jamais perdia sua virgindade.

Foi então que, no meio do segundo tempo, os astros fizeram a diferença. A Terra ficou entre o Sol e a Lua, e principiou-se um eclipse lunar.

Tão logo uma penumbra começou a cobrir nosso satélite, Wolfgang tomou o primeiro gol. E, com a sombra crescendo, não demorariam a vir o segundo, o terceiro e o quarto.

Wolfgang arfava, babava, punha a língua de fora em busca de ar. Estava cansado e irreconhecível. Chegava a tropeçar na bola como um cachorro pequinês.

Antes que o jogo terminasse, vieram ainda o quinto e o sexto gols.

Wolfgang saiu de campo com o rabo entre as pernas. Metaforicamente falando, é claro.

Diz-se que depois dessa partida nunca mais jogou futebol. E, se alguma bola caía em seu quintal, rasgava-a com os próprios dentes.



O INTRANSPONÍVEL

O arquipélago de Lofoten, na Noruega, é formado por várias pequenas ilhas ligadas por belas pontes. Mas, na virada do século XIX para o XX, as pontes que mais faziam sucesso na região eram as do goleiro Henrik Amundsen, um ex-pescador conhecido como “Urso Amarelo”.

Não se sabe exatamente o motivo do apelido. Alguns pesquisadores dizem que era pelo fato de ele ser loiro e enorme, medindo mais de dois metros e pesando cerca de 120 quilos; outros dizem que é por ele ter nascido na Ilha do Urso (Bjørnøya, em norueguês); e o pintor Edvard Munch cita o goleiro em sua autobiografia, afirmando que ele era chamado de Urso Amarelo por conta de sua incrível velocidade com as mãos, tal qual um urso caçando salmões.

Aliás, falando em Edvard Munch, há quem diga que seu famoso quadro *O grito* não é a personificação do desespero da existência, mas o rosto de assombro do próprio Munch ao presenciar uma defesa de pênalti realizada pelo Urso, num amistoso contra o FC Lyn Oslo, time do qual, como todos sabem, o pintor era um fanático torcedor.

Graças às suas defesas impossíveis, ao seu tamanho e à sua velocidade, Henrik venceu todos os nove campeonatos lofotenses dos quais participou. Cada um por um dos times do arquipélago, a saber: Vestvågøy, Vågan, Flakstad, Moskenes, Værøy, Røst, Hinnøya, Austvågøy e Gimsøya.

Os nove times de Lofoten eram amadores, sempre formados pelos pescadores da região. Porém, como todos desejavam ter Henrik em sua meta, ele se tornou o primeiro jogador profissional da Noruega, recebendo seu salário em postas de bacalhau.

No começo de cada campeonato havia um grande leilão para ver quem ficava com o Urso. As ofertas eram em quilos de peixe e, dependendo do desespero das equipes, as propostas ficavam bem pesadas.

Por conta de seu sucesso, Henrik nunca mais precisou pescar. Ele comia uma parte e vendia o resto, garantindo com isso uma vida larga, quase de luxo. Construiu uma casa de dois andares, comprou um veleiro de passeio, usava casacos de pelo de foca e não economizava na lenha da lareira. Sem jamais correr riscos no mar ou cheirar a peixe, Henrik subiu na vida.

Aos poucos, porém, o que era admiração foi se tornando inveja. Os oito times que não ficavam com ele sabiam que o campeonato estava perdido. E mesmo a equipe que conseguia tê-lo se arrependia um tanto, pois comprometia o lucro de todo um ano.

Infelizmente, pouco antes de começar seu décimo campeonato, o grande Henrik Amundsen foi encontrado morto. A polícia local concluiu que foi uma fatalidade. E realmente o motivo de sua morte era comum na região: engasgo com espinha de bacalhau.

O caso do Urso Amarelo, porém, teve uma curiosa singularidade: ele morreu com nove espinhas entaladas na garganta.



HERÓI E VILÃO

No fim dos anos trinta, no interior de Goiás, um dos times que mais fazia sucesso era o Iara, de Itumbiara.

Ivanir era o goleiro. Não. Mais que isso. Era o capitão do time. Não, não. Mais que isso também. Era o coronel, o general da equipe.

Ainda mais que naqueles interiores e tempos não havia técnicos.

Como jogador, ele era elegante, com saltos ágeis e graciosos.

Mas, como comandante, era cruel.

Ivanir gritava o tempo todo, xingando seus companheiros de time sem dó, não economizando em palavras duras ou palavrões toscos.

Ninguém o contestava. Algumas esposas de jogadores até ensaiavam fazer alguma reclamação, mas os maridos as impediam.

Ivanir era tão severo, que, dizem, foi ele quem inventou a concentração.

Nas vésperas dos jogos, todo o time do Iara ia para seu sítio e ficava por lá, sem contato com ninguém de fora.

O resultado é que a equipe era muito unida, vencendo quase sempre e se tornando uma lenda em toda a Chapada dos Guimarães.

Porém, um dia, Ivanir começou a engordar. Parou de dar seus saltos acrobáticos, de ir em bolas divididas, e até um simples encaixe parecia difícil para ele.

Mais algumas semanas e percebeu-se o inevitável. Ivanir era uma mulher. E estava grávida.

Correu pela região o boato de que a tal concentração era apenas uma desculpa para grandes bacanais, no qual

Ivanir era a única mulher, uma abelha-rainha em meio a duas dezenas de zangões.

Os jogadores negaram veementemente. Disseram que nem sabiam que Ivanir era mulher. Mas para alguns era óbvio que o comando que Ivanir impunha aos seus jogadores vinha de seu domínio sexual sobre eles.

Como era de esperar, nenhum dos atletas quis assumir a paternidade do filho da goleira.

Ivanir não teve alternativa a não ser vender suas coisas e embrenhar-se no interior do Mato Grosso, onde teve seu rebento, que recebeu o nome de Ivanir.

Não se sabe se foi um menino ou uma menina.



VINGANÇA

Fiódor Avvakam era goleiro do AC Batagay, time da segunda divisão da Sibéria. Mas, mais que goleiro, era torcedor. E fanático. Suas roupas eram sempre vermelhas e amarelas, as cores do clube, e ele usava uma bandeira do Batagay como cobertor.

O fanatismo vinha de berço. Seu avô tinha sido o fundador do clube e seu pai era o atual presidente.

Avvakam era um ótimo goleiro, e só por isso o time não caía para a terceira divisão. Porém, como o resto da equipe era um tanto medíocre, eles jamais conseguiam subir para a primeira, ficando sempre entre quarto e sétimo lugares.

Um dia, porém, o clube da cidade rival, o FC Cholbon, fez uma proposta: queria comprar Avvakam. Era um bom dinheiro. O goleiro não queria trocar de time, mas o Batagay precisa dele para reformular a equipe.

Foram tantas as súplicas do pai que Avvakam aceitou ir para o Cholbon.

E realmente o negócio foi excelente para as duas equipes. Uma, com um bom arqueiro, e a outra, finalmente com um bom ataque, conseguiram chegar à final do campeonato.

Quem vencesse teria a honra de jogar na primeira divisão siberiana.

Foi uma partida quente, apesar do frio de 22 graus celsius negativos.

O empate daria o título ao Cholbon. E, desde o primeiro minuto, o Batagay lançou-se ao ataque. Porém, desde o primeiro segundo Avvakam esteve perfeito. Cortava cruzamentos perigosos, espalmava cabeçadas à queima-roupa, agarrava chutes violentos sem dar um rebote.

Há quem conte que os olhos de Avvakam brilhavam como olhos de urso.

Depois do apito final, a equipe do Cholbon carregou Avvakam nos ombros. As lágrimas que caíam de seus olhos não eram de alegria. E viravam gelo antes mesmo de tocarem o chão.



EM NOME DO PAI E DO FILHO

Olaf, 40 anos, era goleiro. Olaf Junior, 20, também. Olaf defendia as cores do Narvik FC. Olaf Junior guardava a meta do FC Mosjøen.

Os dois times fariam a final da região de Nordland, na Noruega.

Era a primeira vez que pai e filho se enfrentariam. Seria a última decisão de Olaf. Seria a primeira decisão de Olaf Junior.

O jogo foi marcado para um campo neutro, na cidade de Vefsn. As duas torcidas foram até o local e as duas mil pessoas lotaram o estádio, dividindo-o ao meio.

O jogo começou duro, com as defesas parecendo serem insuperáveis. Os Olafs pouco tinham que fazer, a não ser cobrar tiros de meta.

Porém, na primeira chance real do Mosjøen, Olaf pai falhou e a bola passou galhardamente entre suas pernas.

A vaia foi enorme. E logo começaram os gritos de “Vendido!”. Uma lágrima quente brotou nos olhos de Olaf.

Poucos minutos depois, o Narvik chutou de longe. Olaf Junior abaixou-se para encaixar a bola. Mas ela passou entre seus braços e suas pernas.

As vaias foram imensas, e os gritos de “Vendido!”, ensurdecedores.

No segundo tempo, o empate não saiu do placar até que Olaf Junior, ao tentar afastar um cruzamento, acabou colocando a bola para dentro do seu próprio gol. Os gritos de “frangueiro” puderam ser ouvidos em toda a cidade, talvez até em Mosjøen.

A falha teria sido decisiva se Olaf pai não tivesse tropeçado numa bola recuada, causando o empate em 2 a 2. Vaias, apupos e palavrões, que são terríveis em no-

rueguês, puderam ser ouvidos em toda a cidade. Talvez até em Narvik.

Depois de uma prorrogação insossa, veio a disputa de pênaltis. Obviamente os dez primeiros chutes foram como espelhos. Quando um time acertava, o outro acertava. Quando um errava, o outro, idem.

Os dois goleiros viram-se na missão de bater pênaltis alternados.

Enquanto se preparava para cobrar, Olaf pai cochichou ao filho:

— Você tem que ganhar esse campeonato. Minha carreira já terminou.

Olaf Junior respondeu:

— Tenho todo o futuro pela frente. Você é que tem que conquistar seu último campeonato.

As vozes do pai e do filho foram ficando mais altas:

— Você precisa da vitória mais do que eu.

— Você é quem precisa mais do que eu!

— Você é um fedelho e está só começando!

— Você é um velho e sua carreira está no fim!

E então os dois começaram a gritar:

— Eu quero que você vença!

— Eu quero que você vença!

— Fedelho!

— Velho!

Pai e filho se atracaram e rolaram pelo campo gelado de Vefsn, trocando socos, mordidas e pontapés, até que finalmente foram expulsos.

Até hoje Olaf e Olaf Junior, que se amam loucamente, nunca mais trocaram uma palavra.



RECOMPENSA

“Ser goleiro é a maior glória que pode acontecer a um ser humano. Nada é mais belo do que ser um guarda-metas, um arqueiro, um guarda-rede, um guardião, um vigia. Ele é o anjo da guarda, a última esperança, aquele que impede que seu time e seu coração sejam alvejados pelo inimigo. Ele é o milagre pelo qual oramos com fervor, de joelhos, ao lado da cama. É a injeção mágica que cura a doença terminal, é o galho à beira do abismo, o salto para fora do carro no último segundo. O goleiro é a prova de que Deus existe e escuta nossas preces. O goleiro é a salvação. Ele é tão nobre que usa luvas; é um cavaleiro andante parado; um defensor que barra a entrada da cidade santa aos infiéis. O goleiro é a não vaidade, é o desejo de ser invisível e inútil. É como o bombeiro, que é melhor que não tenha chamas a combater, é como o médico, que é melhor que não tenha sangue a estancar. Ser goleiro é ser pássaro sem penas, é voar sem asas, é se lançar no espaço feito astronauta à deriva, sem saber se abraçará o redondo objeto de seu desejo. Ser goleiro é sacrifício, é altruísmo, é jogar sem tabelas, parceiros, lançamentos e passes. Ser goleiro é solidão. É estar à porta do inferno, sentindo o bafo quente das chamas; é ser coveiro de cemitério, vendo a indesejada das gentes rondando a todo instante. Enfim, ser goleiro é lutar contra a morte”, pensava Antônio Frederico antes que a bola batesse em seu poste direito, desestabilizando o pesado e mal encaixado travessão que caiu em sua cabeça, causando um traumatismo crânio encefálico fatal.

Antônio Frederico jogava no Clube Recreativo e Esportivo de Inocência, em Inocência, Mato Grosso do Sul, poética cidade entre os rios Viola e Sanfona.



O SANTO

Agostinho recebeu esse nome porque seu pai era devoto e estudioso de santo Agostinho. Ele andava pela casa recitando as frases do religioso e, no jantar, sempre lia algum trecho das “Confissões”. O pai tanto fez, tanto falou, tanto insistiu, que Agostinho decidiu estudar para padre.

Mas no seminário havia um time de futebol. E Agostinho pegou gosto em jogar de goleiro. Muito gosto. Tornou-se um fanático, que treinava em todos os seus minutos livres e se penitenciava a cada falha.

Sua devoção foi recompensada e seu time, o Fervor Esporte Clube, chegou à final do campeonato. Nos onze jogos daquele torneio, a meta de Agostinho permaneceria virgem.

Ele não tinha o menor medo de se atirar no chão batido de terra, mesmo que isso lhe rendesse ralados e feridas tão profundas que sangravam como as chagas de Cristo. E seus saltos eram imensos, dando a impressão de que ele flutuava no ar. Mesmo nas partidas jogadas sob chuva, nas quais o campo ficava encharcado de lama, ele se movia como se estivesse andando sobre as poças. Enfim, vamos ao trocadilho inevitável: Agostinho fazia milagres.

No dia da final, as coisas não foram diferentes. O time adversário tinha uma poderosa trindade de atacantes (Messias, Jésum e Cristiano), mas seus chutes acabavam sempre nas mãos divinas de Agostinho, que parecia adivinhar aonde a bola iria e se movia com tal rapidez que era como se fosse onipresente, estando em todos os lugares sob a trave ao mesmo tempo.

A partida acabou zero a zero. Os pênaltis definiriam o campeão. O time de Agostinho já se abraçava em alegria

antecipada, e o próprio goleiro sorria de felicidade, com a certeza de que teria o orgulho de levantar a taça (um gigante cálice dourado).

Porém, enquanto os jogadores descansavam antes das penalidades, Messias, o ponta-direita adversário, se aproximou sorrateiramente do arqueiro e disse uma frase do outro Agostinho, o santo:

— Orgulho não é grandeza, mas inchaço. E o que está inchado parece grande, mas não é sadio.

Aquilo perturbou Agostinho. Mas a frase que lhe sussurrou Cristiano, o ponta-esquerda, fez que ele estremecesse ainda mais:

— O orgulho é a fonte de todas as fraquezas, porque é a fonte de todos os vícios.

Por fim, Jésum, antes de bater o primeiro pênalti, olhou para o céu e bradou:

— Foi o orgulho que transformou os anjos em demônios.

Não se sabe exatamente o que aconteceu depois. Mas sobreviveram duas versões.

Uma afirma que Agostinho não defendeu nenhum pênalti, parecendo até pular para longe da bola a cada cobrança. Depois se tornou um excelente padre, pregando a humildade e a modéstia até o fim de seus dias.

A outra conta que, ao ouvir o grito de Jésum, ele cuspiu nas duas traves, defendeu todos os pênaltis e ainda bateu o decisivo, sendo carregado em glória nos ombros de seu time até a taberna da cidade. Lá, teria oferecido vinho para todos, principalmente para si mesmo, e acabou engravidando a dona do estabelecimento, com o que teve que abandonar a igreja pelo balcão.



CHORÃO

Sempre que tomava um gol, Chorão chorava.

Era um choro sentido, dolorido. Ele botava as luvas sobre o rosto e logo elas estavam encharcadas.

Isso causava grande comoção entre os outros jogadores. E, aos poucos, foi provocando certas mudanças.

Os atletas do time de Chorão faziam o máximo para que o goleiro não fosse vazado. Davam carrinhos, distribuíam pontapés, corriam até a exaustão.

Quanto aos adversários, muitas vezes pareciam chutar mais fraco que o normal, e era incomum o número de bolas que passavam ao lado das traves do lacrimoso goleiro.

Com esforço de uns e negligência de outros, Chorão foi se tornando o melhor jogador do Cachoeira do Choro F.C., com sede em Curvelo, Minas Gerais.

No torneio regional, eles massacraram as equipes de Felixlândia, Cordisburgo, Abaeté, Paraopeba, Baldim, Jaboticatuba, Papagaios, Biquinhas e Canastrão, cuja equipe perdeu nos pênaltis, com três bolas mandadas para fora.

Na festa de comemoração pela conquista do campeonato, Chorão estava muito sorridente. Com audácia de centroavante, perguntou a uma bela senhorita se não queria dançar um chorinho com ele. Ela respondeu secamente que não. E Chorão pôs-se a chorar.

No mesmo instante, ela se levantou e, antes de sair do baile, gritou para que todos ouvissem:

— Pode parar com essa falsidade! Os trouxas do futebol caem no seu truque, mas eu conheço muito bem esse golpinho!

Chorão, surpreso, parou imediatamente com o te-

atro. Então viu que todos estavam olhando para ele com cara de “Você me enganou, mas agora chega”.

O goleiro percebeu que havia sido desmascarado para sempre. Que, dali em diante, até nos amistosos entre casados e solteiros, os atacantes tentariam se vingar e os zagueiros não suariam a camisa. E que jamais voltaria a ser goleiro do Cachoeira do Choro.

Previendo seu futuro, duas lágrimas rolaram pela sua face. Estas eram de verdade. Mas ninguém acreditou.



MARIANA E A VOLTA POR BAIXO

Mariana, goleira do Boca Juniors, de Carmópolis, Sergipe, era brilhante. Possuía todas as qualidades de uma grande arqueira. Era fria, segura, elástica, tinha um posicionamento perfeito e uma agilidade felina. Enfim, era praticamente infalível. Mas falhou na final do campeonato da cidade, justamente contra o River Plate, seu arqui-inimigo municipal.

E não foi uma falha simples. Ela falhou fragorosamente, escandalosamente, vexaminosamente.

Os dirigentes do Boca não tiveram dúvida: disseram que ela tinha se vendido para o River e mandaram a atleta embora do clube.

Mariana fez questão de ir justamente para o River Plate, onde fez questão de não receber salário, pois sua intenção era tão somente ser uma grande e honesta goleira.

Começou como reserva do time B, virou titular, passou a ser a terceira goleira da equipe A, depois se tornou reserva e, por fim, em menos de um ano, tornou-se a titular do River.

Na final do campeonato carmopolitano, obviamente contra o Boca, fechou o gol no tempo regulamentar e defendeu o pênalti decisivo.

Os dirigentes do Boca, vendo sua performance perfeita, pediram-lhe mil desculpas e recontrataram Mariana.

No campeonato seguinte, Mariana manteve a costumeira perfeição. E, pela terceira vez seguida, os times de nome argentino fizeram a final.

E, pela terceira vez, o River venceu.

Novamente Mariana falhou.

Fragorosamente, escandalosamente, vexaminosamente.

Dessa vez, os dirigentes foram até ela e disseram frases como:

“Acontece...”

“Ninguém é perfeito...”

“Venceremos no ano que vem...”

Mas Mariana, olhando nos olhos dos diretores do clube, disse que eles estavam enganados. Ela tinha falhado de propósito. Na vez anterior, não. Mas, agora, sim. E, pior que isso, tinha recebido dinheiro do River. Aliás, ela que havia tomado a iniciativa de procurar o clube adversário. E falou que fez tal desonestidade para que eles aprendessem a nunca mais duvidar de sua honestidade.



BUNDA, O DESBUNDADO

O torneio municipal de Budapeste é disputado anualmente entre duas equipes, uma de Buda, que fica na margem direita do rio Danúbio, e outra de Peste, que fica na margem esquerda. Buda é a parte mais antiga, com belas construções históricas, e Peste é a parte mais moderna e agitada, com muitos restaurantes, prédios e comércio.

Desde 1901, o Buda F.C. e o C.F. Peste disputam o troféu Ponte das Correntes, que é o nome da construção que une as duas metades de Budapeste. A equipe vencedora fica com a taça por um ano (se bem que a taça não é uma taça, mas uma miniatura de ouro maciço da ponte).

No jogo de 1922, o goleiro Ádám Kocsis foi vaiado pela torcida após tomar um gol por baixo das pernas. Para se vingar, ficou de costas para a arquibancada, abaixou o calção e mostrou a bunda para todos.

Foi um escândalo! Houve xingamentos, atiraram objetos em Kocsis e até chamaram a polícia, com o que ele foi preso por atentado ao pudor. Julgado e condenado na mesma semana, pegou onze meses de prisão.

Quando saiu, voltou a treinar. Por suas inegáveis qualidades e pela falta de um goleiro reserva, foi mais uma vez escalado para jogar a partida anual entre o Buda e o Peste.

Kocsis esperava novos xingamentos da torcida. Mas, para sua surpresa, quando chegou ao campo, viu que as arquibancadas estavam tomadas pelas mulheres de Budapeste (e mesmo por vários rapazes).

Desta vez, ele esteve perfeito. Mas todos lamentaram as defesas do goleiro.



TRÊS GOLEIROS DIVINOS

Jerusalém é a cidade das três fés. Ela é sagrada para judeus, cristãos e muçulmanos, que acreditam em três deuses que são o mesmo.

Segundo o livro *Javé, Alá e Deus, o Ataque Divino*, de Bahumil Kapek, o célebre arqueiro da seleção tcheca, e depois historiador, em 1927 houve uma tentativa futebolística de decidir, de uma vez por todas, qual seria a religião oficial da cidade trissagrada.

É mister lembrar que nessa época Jerusalém era administrada pelo Reino Unido, conforme determinara a Liga das Nações depois da Primeira Guerra Mundial. E os britânicos já eram fanáticos por futebol.

O general Edmund Allenby foi quem planejou o triangular e ele mesmo apitou as três partidas.

Os três grupos religiosos escolheram seus melhores homens.

Para o gol muçulmano foi chamado Abu Ali Huceine ibne Abdala ibne Sina, que obviamente era chamado apenas por Abu.

A meta judaica seria defendida por Moshê bem Maimom, apelidado de Rambam.

E o arqueiro cristão seria Tommaso d'Aquino, um italiano que fugira para Jerusalém durante a guerra.

Por uma grande coincidência, os três eram donos de restaurantes. Tommaso tinha uma simpática pizzaria, Rambam era conhecido por seus fartos shawarmas e Abu servia uma elogiada sequência de camarão. Eles eram praticamente vizinhos, e ficaram muito assustados ao saberem que teriam que se enfrentar.

Se o resultado da disputa fosse um reles troféu, não haveria problema. Mas a vitória de um significa-

ria a expulsão dos outros dois. E Abu adorava a pizza de Tommaso, que não conseguia pensar numa Jerusalém sem a shawarma de Rambam, que por sua vez colocava os camarões de Abu no mais elevado altar da gastronomia.

Logo que os treinos começaram e o trio perdeu completamente o apetite. Mal conseguiam comer uma azeitona.

Eles decidiram que aquilo não podia continuar. Realizaram um encontro secreto na casa de Diágoras, o ateu, e lá fizeram um juramento secreto.

Não se sabe exatamente o teor desse pacto. Mas os resultados dos jogos são conhecidos:

O Alá Esporte Clube empatou o Grêmio Recreativo Javé, que empatou com o Deus Futebol e Regatas, que, por sua vez, empatou com o Alá.

Curiosamente, quando uma equipe conseguia se impor e passar à frente no placar, nos instantes seguintes seu goleiro levava um frango incrível.

Com o empate tríplice, a cidade continuou com suas três fés. E Tommaso, Abu e Rambam continuaram a engordar sua amizade.



OS GOLEIROS TAMBÉM AMAM

Vamos pular o primeiro tempo, o intervalo e o segundo tempo. Já estamos nos acréscimos. Na verdade, no último segundo da partida.

A vitória dá o título e o acesso à primeira divisão para o time de João. O empate, para o time de José.

João, o camisa 10, vai bater o pênalti.

José, o camisa 1, tentará defendê-lo. Ou não.

É que João e José se amam. E José, o goleiro, está vendo a bola que já partiu do pé de João. O chute não foi muito forte. José sabe que pode espalmar a bola para longe.

Nesse instante, nesse curto instante, ele pensa em muitas coisas. Pensa no dia em que se conheceram, quando ambos eram atletas do Doce Mel Esporte Clube, de Ipiaú, Bahia. Pensa na primeira noite, na concentração, quando dividiram o quarto e pela primeira vez dormiram juntos. Pensa na tristeza que sentiu quando João foi vendido para o Princesa do Solimões, em Manacapuru, Amazonas. E na alegria que teve quando ambos se reencontraram no Socorrense, de Sergipe. Pensa também em como tiveram sorte quando ambos foram para clubes de Pernambuco: João para o Retrô, de Camaragibe, e José para o Decisão, de Bonito, cidades que ficavam a apenas uma hora e meia de carro. Pensa em como esse título da segunda divisão é importante para o seu clube, e pensa em quão importante é João para ele. Pensa se deve saltar e defender o chute de João, ser campeão e dar alegria ao povo de Bonito, ou se deve deixar a bola passar, dando alegria e glória para o bonito João.

José pensa que João pode ficar ofendido se ele falhar de propósito. Mas, por outro lado, pensa que pode jamais contar a verdade para ele. E então, pensando por

um terceiro lado (poucas questões têm apenas dois), ele conclui que não pode mentir nem omitir nada de João, pois fazer isso para quem se ama é um crime terrível, e já chega eles terem que mentir para todos, dizendo que são apenas amigos.

Por fim, José pensa que João jamais o perdoaria se ele fosse desonesto, pois João é o mais justo dos homens, fiel como um cão e ingênuo como uma criança. Talvez até o abandonasse se soubesse que ele não havia sido totalmente correto.

Então, numa prova de honestidade para com o bonito João e para com a Decisão, de Bonito, José decide saltar com todas suas forças e defende o chute.

Ele é abraçado pelo time e carregado em triunfo. Seu nome é gritado pelos torcedores e crianças pulam para dentro do campo para pegar seu autógrafo.

Quando a festa em campo se acalma um pouco, João se aproxima, aperta a mão de José como um cavalheiro derrotado e pisca-lhe o olho, como que dizendo “chutei bem devagar para você pegar”.

Naquele segundo, José não sabe se despreza João ou se o ama ainda mais.



TRÍCIO, O TRINO

Trício é o mais internacional dos jogadores da história: atuava em três países ao mesmo tempo:

— no Brasil, pelo Cataratas Futebol Clube, de Foz do Iguaçu;

— no Paraguai, pelo Atlético Club 3 de Febrero, de Ciudad del Este;

— e, na Argentina, pelo Club Iguazú de Fútbol, de Puerto Iguazú.

Como as três cidades ficam próximas, e como os três times estavam em divisões diferentes, jogando em dias alternados, Trício conseguia levar sua vida tripla.

Eram os anos trinta e quarenta, e o profissionalismo ainda engatinhava, de modo que não havia lei que impedisse alguém de jogar numa equipe de um país e noutra de outro.

Mas, se essa poligamia de Trício já é espantosa, mais espantoso ainda é que ele sempre atravessava as fronteiras abraçado a uma garrafa e com as pernas bamboleantes.

Nas segundas-feiras ia do Brasil para o Paraguai levando um pequeno barril de pinga como se fosse seu animal de estimação.

Nas quartas-feiras ia do Paraguai para a Argentina abraçando uma garrafa de uísque como se fosse sua filha única.

E nas sextas ia da Argentina para o Brasil com uma botelha de vinho em cada bolso, sorrindo para todos e abraçando os rapazes da alfândega.

A bem da verdade e da memória esportiva, é necessário esclarecer que durante os jogos Trício sempre estava sóbrio. E chegou a ser tricampeão no mesmo ano,

pelos seus três times, um feito jamais alcançado por outro atleta.

Os salários daquele tempo eram pequenos, mas mesmo assim Trício conseguia fazer investimentos: construía um pequeno cassino no Paraguai, uma modesta churrascaria na Argentina e um simpático bordel no Brasil.

Os amigos se espantavam em ver como ele conseguia ser tão empreendedor com tão pouco dinheiro. Parecia um milagre da contabilidade, um prodígio da economia.

Só depois de pendurar as luvas é que Trício explicou como conseguiu o capital para se tornar um empresário tão bem-sucedido:

— Nunca gostei de álcool, era traficante de bebidas.



IRENE, A GOLEIRA HEPTATLETA

Irene era uma heptatleta. A melhor da Grécia. Mas gostava mesmo é de futebol. E começou a treinar no Kerkyra, da ilha de Corfu.

Irene tinha ótimas qualidades para uma goleira:

— sua velocidade era impressionante por conta do seu treino nos cem metros com barreiras e nos duzentos metros rasos;

— o treinamento em salto em distância fazia suas pontes serem incrivelmente elásticas;

— sua impulsão, por causa de sua performance no salto em altura, era fantástica;

— correr tantas vezes a prova dos oitocentos metros deixou-a com uma inigualável resistência;

— e o lançamento de dardo unido ao arremesso de peso fazia com que sua reposição de bola fosse inacreditável.

Porém, havia um porém: apesar de todas as suas qualidades atléticas, Irene era uma péssima goleira. A bola passava entre suas pernas, escorregava por entre seus dedos, ela saltava antes do que devia e jamais acertava seu golpe de vista.

Foram tantas as goleadas sofridas pelo Kerkyra, que ela desistiu do futebol. É verdade que ganhou a medalha de ouro nas Olimpíadas de Pequim. Mas isso não lhe serviu de consolo. Ela domina sete esportes, mas não o único que realmente queria. E seus dentes rangem de raiva a cada vitória do Kerkyra.



O GOLEIRO INVISÍVEL

Durante o governo de Hitler, os judeus foram proibidos de participar dos times de futebol. Além disso, um atleta, para ser aceito no clube, tinha que ter duas cartas de recomendação de “não marxistas”.

Karl Weber, goleiro do Alenmania Aachen, era marxista e judeu. E obviamente foi proibido de jogar.

Na partida contra o Bergisch Gladbach, que também perdera alguns atletas, o Aachen escolheu levar apenas dez jogadores a campo. Ninguém ficou embaixo da meta. Ninguém vestiu a camisa número 1.

Mas o melhor de tudo é que os jogadores do Gladbach, sempre que tinham uma chance de marcar, chutavam a bola para fora. E os atacantes do Aachen devolviam o favor.

Pode-se dizer que foi um empate glorioso.



PÉ DIREITO

Sacildson, que só tinha a perna direita, foi o maior goleiro da história do Lobato Futebol Clube, de Taubaté, sendo famoso pelos seus grandes saltos.

Ele teve que fazer duas concessões para jogar: não usava sua tradicional carapuça vermelha, mas sim uma carapuça azul (a fim de combinar com o uniforme do time) e parou de fumar cachimbo para manter-se em forma.

Contam que se movia com a velocidade de um re-demoinho. E que, com Sacildson, todo jogo era fabuloso.



Vencedor
na categoria
CONTO

